

# Supervisor e pai: o ofício do ἐπίσκοπος nas cartas de Inácio de Antioquia às comunidades cristãs da Ásia Proconsular, c. 110 d.C.

*Pedro Luís de Toledo Piza*

Universidade de São Paulo  
São Paulo - São Paulo - Brasil  
pl\_piza@hotmail.com

---

**Resumo:** Inácio de Antioquia é reconhecidamente uma fonte fundamental para se entender o cristianismo do início do século II d.C. Sua teologia e sua defesa de uma hierarquia estrita nas igrejas às quais se dirige fizeram dele um autor muito utilizado por escritores eclesiais de seu tempo e de períodos posteriores. No presente artigo, no entanto, procuramos abordar as cartas de Inácio enquanto fontes históricas para traçar um quadro de como se davam relações sociais de suma importância nas comunidades às quais se dirige, tendo aí a função de supervisão um lugar de destaque<sup>1</sup>.

**Palavras-Chave:** Inácio de Antioquia. Ásia Proconsular. Cristianismo antigo.

---

## Introdução

Dentre os vários desenvolvimentos internos ao cristianismo<sup>2</sup> incipiente dos primeiros dois séculos d.C., certamente um dos que merecem ser mais destacados por conta de sua influência não apenas sobre a vida e a organização dos grupos cristãos locais,

---

<sup>1</sup> Artigo adaptado da dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da FFLCH/USP, conforme recomendação da banca em Ata de Defesa emanada em 17 de agosto de 2016. Agradeço à FAPESP pelo financiamento da pesquisa no mestrado e de seu suporte à minha atual pesquisa de doutorado.

<sup>2</sup> O uso de "cristianismo" no singular aqui e em todo o artigo (em contraposição ao plural defendido por IZIDORO, 2010) não se dá sem razão. De fato, ainda que a diversidade teológica e organizacional seja uma marca especial e particularmente distintiva dos primeiros grupos cristãos, ainda faltam estudos que comprovem que tal diversidade implicava necessariamente no pressuposto da existência de uma fronteira identitária bem definida entre grupos diversos. Desse modo, sobretudo em um estudo que contempla precisamente a diversidade organizacional entre cristãos presentes em diversas cidades da Ásia Proconsular (sem implicar necessariamente em cristianismos diferentes, ao menos no que possa ser identificado na própria documentação), pensar em "cristianismos" poderia ser danoso ao trabalho, ao pôr como pressuposto e dado uma leitura que deveria decorrer da própria análise das fontes. Afinal, mesmo quando teologias tão diversas encontravam-se em choque nos primeiros séculos, a organização de cristianismos opostos não era uma decorrência lógica. Para o caso gnóstico, por exemplo, a leitura de PAGELS, 1978, continua sendo fundamental. No caso da Ásia Proconsular, TREBILCO, 2004, dedica capítulos inteiros à interação (harmoniosa ou tensa conforme o caso) entre grupos cristãos com teologias contrapostas na passagem dos séculos I e II d.C.

mas também sobre o próprio ambiente da pólis (sobretudo a partir dos séculos III e IV d.C.), é a formação de uma liderança cristã fixada a uma localidade urbana, com arrogada autoridade sobre todos os cristãos habitando na mesma. Não que esta fosse uma organização considerada natural em todas as igrejas<sup>3</sup> mediterrânicas na virada dos séculos I e II d.C. Ao invés, continua sendo válido recordar o diagnóstico feito por Henry Chadwick de que a regra geral que regia a organização das várias comunidades cristãs fundadas ao longo do primeiro século de existência da nova fé seria a da variedade, oriunda do trabalho missionário também diverso e das igualmente variadas condições e circunstâncias locais (CHADWICK, 1967, p. 51).

Considerando o caráter organizacional variado do cristianismo no período referido, convém que novos estudos se proponham uma análise dos movimentos e processos próprios de formação de lideranças em uma dada região ou localidade, de modo que uma congregação de múltiplas análises permita aos historiadores traçar quadros mais complexos acerca das dinâmicas de poder e autoridade no cristianismo antigo, os quais podem contribuir em muito para a compreensão das diversas formas de organização social internas à pólis. O presente artigo propõe um estudo de caso bem específico, a saber, a representação feita pelo autor cristão Inácio de Antioquia de uma forma de liderança existente nas igrejas da província romana da Ásia Proconsular às quais se dirige em carta, quando de passagem pela região como prisioneiro conduzido a Roma<sup>4</sup>: o homem que carrega a função de “supervisor” (ἐπίσκοπος) de sua igreja, cujo

---

<sup>3</sup> Nesse ponto, e em todo o restante do texto, utilizarei o termo “igreja” (iniciado em minúscula) para me referir a agrupamentos mais ou menos definidos de cristãos que poderiam ser congregados em uma mesma cidade ou região nos primeiros dois séculos depois de Cristo. O termo grego ἐκκλησία conta com gigantesca variedade semântica na Antiguidade, destacando-se duas aplicações de alta relevância para o nosso estudo (CAMPOS, 2011, p. 88-9): 1. Nomeação da assembleia do conjunto dos cidadãos de uma pólis, responsável por votar uma série de matérias em uma governança democrática; 2. Modo de a Septuaginta referir-se ao conjunto dos filhos de Israel, sobretudo nos episódios de sua permanência no deserto por quarenta anos. De modo a evitar qualquer espécie de anacronismo, muitos estudiosos no Brasil têm preferido utilizar o termo original transliterado para referir-se aos grupos cristãos mais ou menos definidos regional ou localmente, assim como compartilhando de uma identidade em comum. Minha escolha pela tradução por “igreja”, longe de sugerir qualquer leitura anacrônica, se guia pelos seguintes motivos: 1. As possíveis traduções “assembleia” e “congregação” não dão conta, a meu ver, do fato de existir uma aplicação técnica do termo para referir a grupos cristãos (específicos ou em sua generalidade) incipiente já no séc. I d.C. em tradições tão diversas como as cartas de Paulo e o *Evangelho de Mateus*; 2. Por outro lado, a simples transliteração do termo original não dá mais conta, a meu ver, da variedade do campo semântico em que o termo é aplicado do que a tradução técnica “igreja”. Desse modo, de modo a facilitar a leitura para um grupo mais amplo, referir-me-ei a grupos cristãos mais ou menos organizados local e regionalmente como “igrejas”, ainda que sempre destacando que esse termo não deve levar o leitor a espelhar na Antiguidade os modelos exatos de sociedades e instituições cristãs existentes na contemporaneidade.

<sup>4</sup> Para estudos variados acerca de Inácio de Antioquia, cf. BRENT, 2009; JOLY, 1979; ROBINSON, 2009; TREVETT, 1992; SCHOEDEL, 1985.

ofício está relacionado, conforme o autor, àquele próprio de Deus, como o patriarca de sua casa. Uma análise do curto epistolário de Inácio permite ao mesmo tempo traçar a representação que este faz do supervisor cristão e inferir algumas informações acerca de suas funções próprias nas igrejas cristãs da Ásia.

### Deus Pai, supervisor pai

A representação de Deus como um pai tinha um lugar central no ideário cristão do primeiro século de existência do cristianismo, como muitos trechos dos evangelhos deixam explícito<sup>5</sup>: o caráter paterno e patriarcal da divindade em suas relações com seus adoradores dava aos últimos a liberdade de dirigir-se a ele como sendo seu pai, podendo pedir-lhe o que fosse de sua necessidade sem qualquer temor (MEIER, 2011, p. 1462). Nas igrejas fundadas pelo apóstolo Paulo, a paternidade de Deus, ao que parece, possuía um papel fundamental na ritualística, uma vez que, ao que parece, a pessoa batizada era instada, após ser mergulhada na água, a clamar “Abba, Pai”, demonstrando ao resto da comunidade que agora o Espírito Santo o fizera ser adotado pela divindade (MEEKS, 2011, p. 315-6)<sup>6</sup>. Deste modo, a afirmação de que Deus era pai de todos aqueles batizados em nome de Cristo encontrava-se no centro de um processo de ressocialização

---

<sup>5</sup> De modo particular entre os evangelhos escritos entre a segunda metade do séc. I e o começo do séc. II d.C., o *Evangelho de Mateus* e o *Evangelho de Tomé* trazem ensinamentos atribuídos a Jesus que vinculam diretamente os discípulos a Deus por uma relação filial. Em *Mateus*, essa relação filial exige uma compatibilização moral do cristão com tudo o que Deus, como seu pai, é: “Pois [praticando o ensinamento] vós sereis realizados, tal como realizado é o vosso pai celeste” (5,48; aceitamos a tradução de Lourenço, 2017). Em *Tomé*, os discípulos são ensinados por Cristo a como identificar seu “pai”: “Quando vós virdes um não nascido de mulher, prostrai-vos sobre vossas faces e adorai-o. Aquele é vosso pai” (15; seguimos a tradução de ROBINSON, 2000). No mesmo evangelho os discípulos também são ensinados a levarem a marca de seu “pai” em sua atitude, mas não pela perfeição moral como em *Mateus*, e sim pelo “movimento e repouso” (50), ou seja, aparentemente pela adoção de uma vida itinerante. No *Evangelho de João*, Deus é referido constantemente como “pai”, embora na maioria esmagadora das vezes relacionado a Jesus (cf. PERKINS, 2011, p. 743-744). No entanto, não deve ser destacado que o evangelho reflita já um modo técnico, por assim dizer, de dirigir-se e referir-se a Deus, a ponto de se tornar um pressuposto quando da atividade de Inácio.

<sup>6</sup> Sobre a teologia paulina por trás do ritual de batismo, cf. DUNN, 1998, p. 503-22. Em geral, a consideração de que o batismo ministrado nas comunidades de fundação paulina envolveria semelhante exclamação ritual parte de uma interpretação de dois trechos do epistolário de Paulo: um em *Romanos* 8,15 (“Não recebestes um espírito de escravidão para temerdes de novo, mas recebestes um espírito de adoção enquanto filhos, no qual gritamos ‘Abbá, ó Pai!’”) e outro em *Gálatas* 4,6 (“E porque sois filhos, Deus enviou o espírito do seu filho para dentro de nossos corações, clamando ‘Abbá, Pai!’”). A exegese desses textos costuma considerar que, uma vez que Paulo faz referência à mesma exclamação em cartas para públicos diferentes, ao mesmo tempo que tratando em ambos de temas com frequência relacionados por ele ao batismo (a “liberdade” dos cristãos e a recepção do “espírito”), faria sentido que ela figurasse no ritual batismal marcando o momento em que o convertido é adotado e passa a integrar a família divina constituída pelos cristãos.

representado pela iniciação via batismo, sobretudo naquelas comunidades fundadas pelo apóstolo Paulo: se novos laços sociais eram criados entre os membros de uma comunidade local, era porque todos eles possuíam um pai divino comum.

Uma das principais características das cartas de Inácio de Antioquia é a insistência em referir-se a Deus como sendo pai (45 vezes em todo o epistolário), fazendo-o especialmente em sentenças nas quais faz referência a Jesus Cristo, a quem também considera como sendo divino<sup>7</sup> (SCHOEDEL, 1985, p. 18). No entanto, Deus não é apenas pai. Para Inácio, ele é, também, supervisor de todos os cristãos, perpetuamente exercendo o trabalho de liderança e administração de sua comunidade de fieis. A profundidade e importância de tal caracterização da divindade torna-se evidente quando ele a ressalta a uma igreja como a dos romanos, por exemplo, em uma carta que, excepcionalmente, não entra em qualquer discussão a respeito da importância do supervisor cristão: “Lembra-vos, em vossa oração, da igreja na Síria, que tem a Deus em meu lugar como seu pastor” (In.Romanos 9,1)<sup>8</sup>. Pouco antes, Inácio ressaltara (o que é raro em suas cartas) seu caráter de “supervisor da Síria” [τὸν ἐπίσκοπον Συρίας], em 2,2. Em outro momento, porém, a analogia entre Deus e a função do supervisor é feita mais patente pelo antioqueno; ocorre que, ao escrever aos cristãos da cidade de Magnésia, Inácio reclama do fato de algumas pessoas insistirem em se reunir sem a presença do supervisor da igreja da cidade:

Assim, para a honra daquele que nos quis, é correto obedecer sem hipocrisia; pois não é a este supervisor visível que alguém engana, mas ele tenta trapacear o invisível. Neste caso, não é à carne que se deve prestar contas, mas a Deus, que conhece nossos segredos (In.Magnésios 3,2).<sup>9</sup>

Não adianta de nada aos “resistentes” tentar enganar ao seu supervisor, mantendo encontros e reuniões autônomos, pois aquele a quem se tenta enganar é o único supervisor que não pode ser enganado: Deus. Tem um aliado todo-poderoso, portanto, o supervisor cristão na figura daquele que exerce a mesma função que ele, mas com relação a todos, como diz o mesmo Inácio um pouco antes:

...assim como eu sei que vossos santos anciãos também não presumiram de sua aparente juventude [de Damas, supervisor dos cristãos de Magnésia] mas,

<sup>7</sup> “Inácio... àquela... unida e eleita em sofrimento verdadeiro, pela vontade do Pai e de Jesus Cristo, nosso Deus [καὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ θεοῦ ἡμῶν]...” (In.Eféssios Preâmbulo).

<sup>8</sup> Μνημονεύετε ἐν τῇ προσευχῇ ὑμῶν τῆς ἐν Συρίᾳ ἐκκλησίας, ἥτις ἀντὶ ἐμοῦ ποιμῆνι τῷ θεῷ χρῆται.

<sup>9</sup> εἰς τιμὴν οὖν ἐκείνου τοῦ θελήσαντος ἡμᾶς πρέπον ἐστὶν ἐπακούειν κατὰ μηδεμίαν ὑπόκρισιν· ἐπεὶ οὐχ ὅτι τὸν ἐπίσκοπον τοῦτον τὸν βλεπόμενον πλανᾷ τις, ἀλλὰ τὸν ἀόρατον παραλογίζεται. τὸ δὲ τοιοῦτον οὐ πρὸς σάρκα ὁ λόγος, ἀλλὰ πρὸς θεὸν τὸν τὰ κρύφια εἰδότα.

como homens sábios em Deus, se submetem a ele – de fato, não a ele, mas ao Pai de Jesus Cristo, o supervisor de todos (In.Magnésios 3,1).<sup>10</sup>

Existe, portanto, uma correlação analógica clara entre o “supervisor na carne” (In.Efésios 1,3) e aquele invisível, mas sempre vigilante, que é também, como já dito, supervisor inclusive de seu correspondente terreno, o que é deixado claro por Inácio no preâmbulo de sua carta dirigida a Policarpo de Esmirna, com o acréscimo da figura do próprio Jesus Cristo: “Inácio, também chamado ‘portador de Deus’, a Policarpo, supervisor da igreja dos esmirniotas, ou, ao invés, alguém que tem Deus Pai e o Senhor Jesus Cristo como supervisor, saudações abundantes”<sup>11</sup>.

No entanto, se por um lado uma correlação analógica é feita entre Deus Pai e o supervisor cristão, de modo a como que apontar uma característica da relação entre a divindade e seus adoradores a partir de um ponto de partida visível do cotidiano dos discípulos asiáticos de Cristo, também o caminho inverso é executado por Inácio de Antioquia, com a designação do supervisor como sendo uma espécie de representação do próprio Deus Pai nas reuniões. Esse ponto pode ser ressaltado da exortação que faz o prisioneiro a seus destinatários de Magnésia: “...animai-vos a fazer todas as coisas na concórdia de Deus, com o supervisor estabelecido sobre vós no lugar de Deus...” (In.Magnésios 6,1)<sup>12</sup>. Apesar de aqui Inácio referir-se ao supervisor como estando simplesmente “estabelecido no lugar de Deus”, presume-se que esse último seja o mesmo “Pai” divino abordado diversas vezes antes e depois, tanto na referida carta quanto em todas as outras, uma vez que Jesus Cristo é colocado especificamente relacionado, logo após, aos “servidores” (διάκονοι) da comunidade.

Tal leitura é confirmada em pelo menos dois outros pontos das cartas. Em primeiro lugar, ainda em In.Magnésios, já ao final do documento, com as despedidas devidas e formuladas com toques especiais do estilo inaciano, a obediência que todos os cristãos devem ter a seu supervisor (e também uns pelos outros, embora aquela devida ao supervisor venha colocada em primeiro lugar) recebe um referencial de peso: “Sede submissos ao supervisor e uns aos outros, como Jesus Cristo o foi a seu Pai, e os apóstolos a Cristo...” (13,2)<sup>13</sup>. A submissão devida ao supervisor e, conjuntamente, uns aos outros,

<sup>10</sup> καθὼς ἔγνωσαν καὶ τοὺς ἀγίους πρεσβυτέρους οὐ προσειληφότας τὴν φαινομένην νεωτερικὴν τάξιν, ἀλλ’ ὡς φρονίμους ἐν θεῷ συγχωροῦντας αὐτῷ, οὐκ αὐτῷ δέ, ἀλλὰ τῷ πατρὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ, τῷ πάντων ἐπισκόπῳ.

<sup>11</sup> Ἰγνάτιος, ὁ καὶ Θεοφόρος, Πουκάρπῳ ἐπισκόπῳ ἐκκλησίας Σμυρναίων, μᾶλλον ἐπισκοπημένῳ ὑπὸ θεοῦ πατρὸς καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ, πλεῖστα χαίρειν.

<sup>12</sup> ἐν ὁμοιοῖα θεοῦ σπουδάζετε πάντα πράσσειν, προκαθημένου τοῦ ἐπισκόπου εἰς τόπον θεοῦ

<sup>13</sup> ὑποτάγητε τῷ ἐπισκόπῳ καὶ ἀλλήλοις, ὡς Ἰησοῦς Χριστὸς τῷ πατρὶ καὶ οἱ ἀπόστολοι τῷ Χριστῷ

é comparada com aquela de caráter filial entre o próprio Jesus com seu pai divino e os apóstolos com seu mestre, também divino.

O segundo ponto, mais explícito e direto, encontra-se em outra carta, aquela dirigida aos cristãos da cidade de Trália. Aqui existe uma espécie de junção entre os princípios dos dois trechos citados anteriormente, uma vez que divide as representações específicas de cada conjunto hierárquico da comunidade, como no primeiro caso, mas não o fazendo exatamente no âmbito específico da reunião ritual e sim no da convivência cotidiana, como parece ser pressuposto pelo segundo: “Do mesmo modo, que todos respeitem aos servidores como Jesus Cristo, assim como ao supervisor, que é um tipo do Pai, e aos anciãos como o conselho de Deus e o grupo dos apóstolos” (In.Tralianos 3,1)<sup>14</sup>.

Outros casos de ligação mais implícita entre a figura do supervisor e a de Deus Pai podem ser identificados, como naquele em que Inácio exorta os anciãos cristãos tralianos a “auxiliar o supervisor para a honra do Pai de Jesus Cristo e dos apóstolos” (In.Tralianos 12,2)<sup>15</sup>; ou ainda em outro, onde ele exorta seus destinatários dizendo que eles devem “todos seguir o supervisor como Jesus Cristo ao Pai” (In.Esmirniotas 8,1)<sup>16</sup>. Os exemplos citados, no entanto, devem bastar para termos em mente uma tendência inaciana de revestir o supervisor da igreja da figura patriarcal do Deus Pai cristão, chamando seus destinatários a terem por ele um respeito filial, não um imperfeito como eles mesmos possam ter pela divindade, mas tão próximo quanto possível daquele modelo oferecido pelo próprio Jesus.

A partir de tal representação do supervisor da parte de Inácio, e de sua admoestação para a relação ideal entre os cristãos locais com o mesmo, devemos nos perguntar até que ponto ele está trazendo para seus destinatários uma tese nova que, talvez, esteja buscando afirmar simplesmente com sua autoridade arrogada de “acorrentado em Cristo” e profeta<sup>17</sup>. Certamente que Inácio pode lançar mão de tal

<sup>14</sup> Ὁμοίως πάντες ἐντρεπέσθωσαν τοὺς διακόνους ὡς Ἰησοῦν Χριστόν, ὡς καὶ τὸν ἐπίσκοπον ὄντα τύπον τοῦ πατρὸς, τοὺς δὲ πρεσβυτέρους ὡς συνέδριον θεοῦ καὶ ὡς σύνδεσμον ἀποστόλων.

<sup>15</sup> εἰς τιμὴν πατρὸς, Ἰησοῦ Χριστοῦ καὶ τῶν ἀποστόλων

<sup>16</sup> Πάντες τῷ ἐπισκόπῳ ἀκολουθεῖτε, ὡς Ἰησοῦς Χριστὸς τῷ πατρὶ

<sup>17</sup> Em vários momentos de seu curto epistolário, Inácio de Antioquia deixa de lado sua posição como supervisor da igreja da qual se originava de modo a revestir-se retoricamente de algumas características de um profeta cristão do primeiro século depois de Cristo. Entre tais características se encontram a posse de um acesso exclusivo a conhecimentos ocultos e divinos e sua utilização como veículo particular de revelações por parte da figura divina do Espírito Santo. Destacam-se três trechos em que Inácio recorre a esse instrumento retórico. O primeiro é em In.Eféσιος 20,1-2, onde diz que “Se Jesus Cristo me considerar digno pelas suas orações, e se for da vontade divina, vou dar-lhes um segundo livro... especialmente se o Senhor revelar algo para mim”. O segundo encontra-se em In.Tralianos 5,1-2: “Certamente não sou incapaz de vos escrever acerca das coisas celestiais? (...) Mesmo em meu caso, não porque eu esteja em correntes e seja capaz de conhecer as coisas celestes, tanto os locais angélicos

argumento de autoridade a qualquer momento que considerar conveniente a fim de reforçar sua exortação. No entanto, devemos ter em conta que os momentos em que ele o faz de forma mais contundente são justamente aqueles presentes em In.Tralianos e In.Filadelfienses, no primeiro caso uma comunidade que, aparentemente, era de recente fundação<sup>18</sup>, e no segundo caso uma igreja fortemente marcada por (aquilo que Inácio considera) divisões internas. Nas outras cartas, o prisioneiro não vê necessidade de reforçar seu ponto de vista recorrendo à sua condição ou a qualquer dom profético.

### O ministério de supervisão nas comunidades cristãs da Ásia no começo do século II d.C.

Devemos, portanto, considerar a possibilidade de que, ao menos em algumas das igrejas endereçadas, o supervisor já fosse valorizado de forma especial, ainda que talvez não tanto quanto Inácio esperava. Neste caso, o autor poderia estar estabelecendo um diálogo com aquilo que já era parte da convivência entre os cristãos locais, ao mesmo tempo que defendendo um passo além do que já fora por eles experimentado. O primeiro passo para uma tal leitura baseia-se na leitura do conteúdo da Primeira Carta a Timóteo (1Timóteo), que provavelmente representa um ponto de vista ou tendência existente na

---

quanto as formações arcônicas, coisas tanto visíveis quanto invisíveis...". O terceiro (o mais explícito e contundente) consiste na descrição de uma pequena querela envolvendo Inácio e opositores seus na igreja de Filadélfia, em um passado não determinado: "Pois embora alguns quisessem me enganar na carne, o Espírito, que é de Deus, não é enganado; pois ele sabe de onde vem e para onde vai, e expõe as coisas escondidas. Eu clamei quando entre vós, eu falei com uma alta voz – a voz de Deus: "Estai junto ao supervisor, ao colégio dos anciãos e aos supervisores". Aqueles que suspeitaram que eu dizia tais coisas porque tinha informação anterior acerca da divisão de alguns – ele é minha testemunha, em quem estou acorrentado, que não o conheci de nenhuma criatura humana. Foi o Espírito que fez a proclamação, dizendo tais palavras: 'Não façais nada sem o supervisor, mantende vossa carne como o templo de Deus. Amai a união, fugi das divisões. Sede imitadores de Jesus Cristo, como ele o é de seu Pai'" (In.Filadelfienses 7). Profetas e profetisas eram parte fundamental no cristianismo de diversas regiões à época de Inácio e por todo o século II d.C., sobretudo na Ásia Menor na qual se encontrava escrevendo suas cartas. Atestam-no documentos como o *Apocalipse de João*, citações de obras da época por Eusébio de Cesareia em sua *História Eclesiástica* (V.17) e a própria querela em torno da Nova Profecia, ou "montanismo", relatada por Eusébio no mesmo livro. A respeito da atividade profética cristã nos primeiros séculos e seus vínculos com a pregação e a Nova Profecia, conferir MARJANEN, 2008; STEWART-SYKES, 2001; TABERNEE, 2007.

<sup>18</sup> Alguns pontos da carta de Inácio aos cristãos tralianos sugerem uma data recente de chegada do cristianismo à cidade, dentre eles: 1. Essa carta é a única em que o antioqueno afirma estar fazendo uma saudação "de modo apostólico" (In. Tralianos, saudação), o que pode ser encarado como um modo de abordar uma comunidade que não fora atingida por qualquer atividade de apóstolos da primeira e segunda geração, em atividade no século I d.C.; 2. Somente nessa carta Inácio afirma que nenhuma igreja pode ser chamada como tal caso não conte com supervisor, anciãos e servidores (3,1), o que sugere que esse ponto não fosse exatamente certo para seus destinatários; 3. O autor se refere explicitamente aos seus destinatários como "crianças"(νηπίοις; 5,1), ainda despreparadas para receber o conhecimento que ele possui, algo que nunca é dito por ele em outras cartas.

Ásia pelo fim do século I d.C., possivelmente em Éfeso (cf. 1Timóteo 1,3), de forma mais específica (TREBILCO, 2004, p. 205)<sup>19</sup>.

A 1Timóteo inicia sua tratativa acerca dos ofícios, próprios de uma igreja urbana específica, com o cargo de supervisor, elencando uma série de requisitos que um candidato deve cumprir para que possa ocupar a função. Uma delas é considerada de forma especial pelo autor: o supervisor deve, necessariamente, ser um homem que saiba governar bem sua casa (1Timóteo 3,4-5). O requisito não é surpreendente, em princípio; uma vez que um supervisor deveria exercer uma função deveras visível a todos os membros de sua comunidade, não é de se estranhar que fosse esperado dele (tanto pelo autor quanto, muito provavelmente, pelos próprios fieis) uma qualidade mínima em administração, e a forma de governo de uma casa poderia perfeitamente ser uma vitrine. No entanto, o autor parece não estar levando tanto em conta uma gestão econômica da parte do supervisor. Ao invés, logo após citar o dito requisito, ele complementa-o com a consideração de que o candidato deve ter a capacidade de “manter os filhos em submissão” (1Timóteo 3,4). Afinal, e sempre nas palavras do autor, “se alguém não sabe governar bem a própria casa, como cuidará da igreja de Deus” (1Timóteo 3,5)? Podemos notar, portanto, que o governo ao qual o autor se refere é, especialmente, um de caráter pessoal: a igreja deve ter à sua frente, como supervisor, alguém que saiba agir nela de forma semelhante àquela como age em sua casa. Se os filhos são displicentes, brigados entre si e tendentes à divisão no ambiente doméstico, seu pai, notoriamente, não se mostrará apto a garantir que o mesmo não ocorra entre os membros da comunidade. O autor destaca, portanto, a necessidade de o supervisor a ser eleito ser um bom pai, de modo que possa exercer um papel análogo (embora não exatamente semelhante, uma vez que ele nunca explicita a exigência de uma relação filial entre os fieis e o supervisor) em sua igreja, seguindo as normas tradicionais das pólis da boa condução da *household* e das qualidades necessárias a um homem para que seja um bom administrador da mesma<sup>20</sup>.

Contudo, 1Timóteo representa, em princípio, a visão de seu autor; não temos dados para considerar, a partir da carta fictícia, que seus leitores pensariam o mesmo.

---

<sup>19</sup> Apesar de se afirmar escrita pelo apóstolo Paulo, a maioria dos estudiosos do Novo Testamento, baseando-se sobretudo em argumentos de estilo, rejeitam uma autoria paulina para o documento (KOESTER, 1995, p. 318; WILD, 2011, p. 634-5).

<sup>20</sup> Acerca deste ponto, vale destacar o comentário de Dale B. Martin (que traduz ἐπίσκοπος como “bispo”): “This is all very traditional morality of Greek and Roman culture, with its emphasis on the traditional, patriarchal household. (...) The bishop occupies the role in the church that the paterfamilias does in a conservative Roman family. And all the traits here mentioned could have been read out of almost any middle-of-the-road philosophical treatise on morality and household management. The social model is all completely conservative and traditional” (B. MARTIN, 2012, p. 287).

Podemos mesmo ressaltar que os Atos dos Apóstolos, por exemplo, não fazem qualquer referência a uma tal exigência dos anciãos aos quais se refere como “supervisores” (cf. Atos 20,18-35). Devemos, por outro lado, buscar saber se as próprias cartas inacianas possuem evidências de que o supervisor fosse (ou não) considerado da mesma forma pelos destinatários, cristãos asiáticos. Alguns dados podem ser ressaltados neste sentido.

Em primeiro lugar, podemos ressaltar que algumas das comunidades endereçadas por Inácio poderiam, ao menos em parte, considerar o supervisor de forma especial, enquanto em outras, tal possibilidade aparentemente sequer é vislumbrada. Em pelo menos uma das igrejas endereçadas por Inácio essa realidade é explícita. Escrevendo aos cristãos magnésios, em determinado momento o antioqueno utiliza um argumento (o qual já foi citado anteriormente) difícil de se refutar contra aqueles que poderiam abusar da juventude do supervisor magnésio:

E vós não deveis tomar vantagem da juventude de vosso supervisor, mas mostrar-lhe todo o respeito de acordo com o poder de Deus Pai, assim como sei que vossos santos anciãos também não presumiram de sua aparente juventude, mas, como homens sábios em Deus, submetem-se a ele – de fato não a ele, mas ao Pai de Jesus Cristo, o supervisor de todos (1Timóteo 3,1).<sup>21</sup>

Inácio afirma que os anciãos cristãos de Magnésia se submetem ao seu supervisor, mesmo ele sendo mais jovem do que o costumeiro<sup>22</sup>. Embora um testemunho direto da submissão de anciãos ao supervisor seja uma particularidade da carta aos magnésios (muito provavelmente pela excepcionalidade do caso, envolvendo a demasiada juventude de um supervisor), a precedência honorífica do cargo frente aos dos anciãos pode ser identificada também em Éfeso, para cuja igreja Inácio afirma que “vosso bem-reputado colégio de anciãos, digno de Deus, está afinado com o supervisor como cordas com uma cítara” (Efésios 4,1)<sup>23</sup>. Embora a caravana efésia não contasse com anciãos, o fato de Inácio utilizá-los como exemplo para os seus leitores/ouvintes (ou seja, não visando

<sup>21</sup> Και ὑμῖν δὲ πρέπει μὴ συγχαῖσθαι τῇ ἡλικίᾳ τοῦ ἐπισκόπου, ἀλλὰ κατὰ δύναμιν θεοῦ πατρὸς πᾶσαν ἐντροπὴν αὐτῷ ἀπονέμειν, καθὼς ἔγνωσαν καὶ τοὺς ἁγίους πρεσβυτέρους οὐ προσειληφότας τὴν φαινομένην νεωτερικὴν τάξιν, ἀλλ’ ὡς φρονίμους ἐν θεῷ συγχωροῦντας αὐτῷ, οὐκ αὐτῷ δέ, ἀλλὰ τῷ πατρὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ, τῷ πάντων ἐπισκόπῳ.

<sup>22</sup> Poderia ser argumentado que o antioqueno utiliza-se aqui de um artifício retórico, no qual ele coloca o objeto de sua exortação como uma realidade premente. No entanto, esse não parece ser o caso aqui. É necessário notar que, diferente do caso dos visitantes efésios (In.Efésios 2,1) e tralianos (In.Tralianos 1,1), a caravana magnésia contava com dois anciãos, Basso e Apolônio (In.Magnésios 2), que muito provavelmente estavam junto de Inácio quando da escrita da carta. Também seriam os mesmos anciãos corresponsáveis por conduzir o documento inaciano ao seu destino. Seria difícil conceber aqui que Basso e Apolônio aceitariam facilmente levar um documento de volta à sua igreja rebaixando-os na escala de poder comunitário se eles já não ocupassem uma posição não equânime à do supervisor.

<sup>23</sup> τὸ γὰρ ἀξιονόμαστον ὑμῶν πρεσβυτέριον, τοῦ θεοῦ ἄξιον, οὕτως συνήρμοσται τῷ ἐπισκόπῳ, ὡς χορδαὶ κιθάρας.

exortar aos próprios anciãos) sugere a plausibilidade da informação: provavelmente os “anciãos” da igreja de Éfeso estavam buscando permanecer “afinados” com seu supervisor, o que pode se referir à comunhão na teologia, à aceitação da condução comunitária por Onésimo e/ou ao apoio ao mesmo em seus momentos de inabilidade comunicativa (cf. Efésios 6,1). Também em Filadélfia provavelmente ocorria o mesmo: em nenhum momento Inácio parece fazer uma justificativa inovadora da precedência do supervisor com relação aos anciãos da igreja, mas, ao invés, considera verdadeiramente pressuposto que a função principal dos últimos é assistir ao primeiro de forma permanente. Assim, ao falar daqueles que causavam divisões na comunidade (possivelmente por não aceitarem a concentração de poder na administração tripartida, defendida por Inácio; cf. In.Filadelfienses 6,3-8,1), o antioqueno os exorta da seguinte forma: “Todos, portanto, que se arrependem, o Senhor os perdoa, se eles voltarem arrependidos para a unidade de Deus e o conselho do supervisor (συνέδριον τοῦ ἐπισκόπου)” (In.Filadelfienses 8,1)<sup>24</sup>. Em uma comunidade tão dividida quanto a filadelfiense, seria de se esperar que Inácio abordasse de forma sutil e não tão direta as responsabilidades do conselho de anciãos para com o supervisor da igreja (sutileza que ele demonstra em toda a carta ao abordar as ditas divisões). Não é isso o que ocorre aqui. Na verdade, o prisioneiro sequer aborda o tema em si, mas o considera de conhecimento comum. Inácio considera os cismáticos e os anciãos como grupos completamente opostos e não faz qualquer esforço para justificar seu ponto de vista. Ele é pressuposto na comunicação.

Desta forma, em pelo menos três igrejas às quais Inácio se dirige, o ocupante do cargo de supervisão possivelmente guardaria certa precedência frente aos anciãos, sendo que em um caso (o de Magnésia) ela é mais acentuada. O mesmo pode ser dito relativo aos seus “servidores”. Por outro lado, nas igrejas de Trália e Esmirna essa precedência parece não ser tão universalmente aceita, ao menos em parte. Aos tralianos, Inácio dirige-se na parte final da carta nos seguintes termos:

Minhas correntes vos exortam, as quais carrego por causa de Jesus Cristo, com a oração de que eu possa obter Deus; perseverai em vossa concórdia e na oração com o outro; pois é justo para cada um de vós, mas especialmente aos anciãos, reanimar ao supervisor para a honra do Pai de Jesus Cristo e dos apóstolos. Eu rogo que me ouçais no amor, para que eu não venha a ser testemunha contra vós por ter escrito (In.Filadelfienses 12,2-3).<sup>25</sup>

<sup>24</sup> πᾶσιν οὖν μετανοοῦσιν ἀφίει ὁ κύριος, ἐὰν μετανοήσωσιν εἰς ἐνότητα θεοῦ καὶ συνέδριον τοῦ ἐπισκόπου.

<sup>25</sup> παρακαλεῖ ὑμᾶς τὰ δεσμά μου, ἃ ἔνεκεν Ἰησοῦ Χριστοῦ περιφέρω, αἰτούμενος θεοῦ ἐπιτυχεῖν διαμένετε ἐν τῇ ὁμονοίᾳ ὑμῶν καὶ τῇ μετ’ ἀλλήλων προσευχῇ. πρέπει γὰρ ὑμῖν τοῖς καθ’ ἓνα, ἕξαιρέτως

Esse é um trecho singular nas cartas de Inácio. É o único em que ele faz uma ameaça direta (ainda que caridosamente disfarçada) aos seus destinatários, caso não aceitem sua exortação; e, ainda mais surpreendente, os anciãos tralianos também são ameaçados. De fato, a igreja de Trália é a única que envia apenas o seu supervisor ao encontro do antioqueno em Esmirna. Deste modo, Inácio vê-se na necessidade de exortar também a eles. No entanto, como já visto acima, o escritor não se dirige nos mesmos termos aos anciãos de Éfeso, do qual também não recebe representantes em sua cela; pelo contrário, considera-os exemplo para todos os cristãos efésios de “afinação” (συνάρμοσις) com o supervisor (cf. In.Efésios 4,1). Por outro lado, o fato de Inácio dizer que o ato de reanimar o supervisor serve para a honra não só de Deus, como dos apóstolos também, indica uma exortação direta aos anciãos que, no pensamento do antioqueno, representavam aos mesmos na vida da comunidade. Considerando que o próprio Inácio afirma ser o supervisor, Políbio, sua única fonte de informação (1,1) acerca da igreja de Trália (diferente do caso de Filadélfia, no qual o Espírito Santo também desempenha um papel; cf. In.Filadelfienses 7,2), pode ser afirmada a forte possibilidade de que os relatos recebidos pelo antioqueno acerca dos anciãos tralianos não deveriam ter sido muito positivos. Os anciãos não estavam dando o apoio considerado conveniente por Inácio a Políbio, especialmente em um contexto de divisões doutrinárias em uma comunidade de fundação recente.

A mesma falta de apoio talvez estivesse ocorrendo em Esmirna. Em determinado momento da carta de Inácio aos cristãos esmirniotas, ao fazer uma grande crítica àqueles que seguiam a visão teológica de que Cristo havia passado pela terra apenas em aparência, ele fala aos seus destinatários nos seguintes termos:

Que ninguém se engane: mesmo os poderes celestes, a glória dos anjos e as autoridades, tanto as visíveis quanto as invisíveis, se elas não acreditarem no sangue de Cristo, estão também sujeitas a julgamento. O que puder entender, entenda. Que a posição não infle a ninguém; pois fé e amor são tudo, aos quais nada é preferível (In.Filadelfienses 6,1).<sup>26</sup>

Esse é o único momento em todas as suas sete cartas que Inácio discute a inutilidade da “posição” (τόπος) ao ser contaminada pela heresia. Aqui, ao que parece, ele

---

καὶ τοῖς πρεσβυτέρους, ἀναψύχειν τὸν ἐπισκοπὸν εἰς τιμὴν πατρὸς, Ἰησοῦ Χριστοῦ καὶ τῶν ἀποστόλων. εὐχομαι ὑμᾶς ἐν ὑμῖν γράψας.

<sup>26</sup> Μηδεὶς πλανᾶσθω· καὶ τὰ ἐπουράνια καὶ ἡ δόξα τῶν ἀγγέλων καὶ οἱ ἄρχοντες ὄρατοί τε καὶ ἀόρατοι, ἐὰν μὴ πιστεύσωσιν εἰς τὸ αἷμα Χριστοῦ, κάκεινοις κρίσις ἐστίν. ὁ χωρῶν χωπεῖται. τόπος μηδένα φυσιοῦται· τὸ γὰρ ὅλον ἐστὶν πίστις καὶ ἀγάπη, ὧν οὐδὲν προκέκριται.

deixa transparecer a existência de ao menos uma pessoa de “posição” entre aqueles que acusa de não acreditar “no sangue de Cristo”, isto é, na realidade física de sua encarnação, morte e ressurreição. Fosse quem fosse tal pessoa (se ela era apenas uma), o antioqueno provavelmente a conheceu, como deixa transparecer na mesma parte da mesma carta<sup>27</sup>. Também em Esmirna, portanto, apresenta-se um caso provável de resistência, talvez por parte de um ancião ou mais de um, contra Policarpo. Talvez não fosse sequer uma sedição, ou seja, uma revolta de membros comunitários hierarquicamente inferiores contra seu superior; o mais provável é que não houvesse qualquer gradação de autoridade em Esmirna entre o supervisor e os anciãos (TREBILCO, 2004, p. 666).

Um segundo ponto que cremos poder ser resgatado das cartas inacianas é a confirmação de que, ao menos em algumas igrejas endereçadas por Inácio de Antioquia, o supervisor poderia estar encarregado da administração das finanças comunitárias. Em todas as sete cartas inacianas, os únicos momentos nos quais o antioqueno faz uma referência clara a uma função do supervisor de guarda e redistribuição de bens se encontram em sua carta pessoal dirigida a Policarpo de Esmirna. Nessa carta, Inácio oferece uma série de conselhos a Policarpo sobre como guiar a igreja à qual fora designado supervisor. Dentre esses conselhos, dois devem ser destacados: no primeiro, Inácio chama a atenção de seu destinatário para que “as viúvas não sejam negligenciadas; depois do Senhor, sê tu seu guardião” (In.Filadelfienses 4,1)<sup>28</sup>; no segundo, o antioqueno exorta a que os escravos não sejam desprezados, mas ao mesmo tempo adverte Policarpo a atentar a que os escravos “não desejem ser libertados pelo fundo comum, de modo que não sejam encontrados como escravos da luxúria” (In.Filadelfienses 4,3)<sup>29</sup>. Nos dois casos, o supervisor cristão de Esmirna é instruído a respeito de como agir com relação a cristãos de sua igreja em situações socialmente frágeis de vida. As viúvas, especialmente aquelas sem filhos, poderiam se encontrar em situação de indigência. Deste modo, o

---

<sup>27</sup> Nela, ele questiona os defensores do docetismo: “Pois que benefício alguém me dará, louvando-me, mas blasfemando o meu Senhor, não confessando que ele é portador de carne?” (In.Filadelfienses 5,2) Inácio conhece mesmo o nome daqueles aos quais acusa: “Seus nomes, que são infiéis, não me pareceu bem escrever; de fato, não pretendo sequer lembrar-me deles...” (In.Filadelfienses 5,3). Que posição teria essa pessoa na comunidade? O fato de ele usar o exemplo de “poderes celestes”, “anjos” e “autoridades” inviabiliza a possibilidade de ele referir-se a algum servidor, os quais são referidos por Inácio como “escravos” (δοῦλος). Por outro lado, considerando que Inácio pressupõe em sua carta o reconhecimento de um único supervisor na comunidade, e que, no presente trecho, ele ignora completamente o seu argumento comum da necessidade de se reunir com um único supervisor no único altar (cf. Filadelfienses 4), torna-se bem improvável a conjectura de que poderia existir um supervisor rival de Policarpo na igreja de Esmirna, como defendeu Walter Bauer (BAUER, 2009, p. 98).

<sup>28</sup> Χῆραι μὴ ἀμελείσθωσαν· μετὰ τὸν κύριον σὺ αὐτῶν φροντιστῆς ἔσσο.

<sup>29</sup> μὴ ἐράτῳσαν ἀπὸ τοῦ κοινοῦ ἐλευθεροῦσθαι, ἵνα μὴ δοῦλοι εὐρεθῶσιν ἐπιθυμίας.

fundo comunitário poderia ser usado para dar-lhes o mínimo para sua subsistência. O fato de Inácio exortar Policarpo a não abandonar sua responsabilidade como “guardião” das viúvas cristãs sugere que ele tivesse algum encargo sobre o dinheiro comum, citado logo a seguir no caso dos escravos. Nesse último caso, as recomendações do antioqueno são mais duras. Ele parece conhecer casos (de Esmirna e/ou de Antioquia) de escravos cristãos que estavam se colocando na mesma posição de outros indigentes, de modo a ter sua liberdade comprada pela comunidade. Inácio rejeita tal iniciativa e alerta Policarpo contra ela, considerando que para o escravo o melhor é que permaneça como tal, no mínimo não utilizando o dinheiro comum da igreja para conseguir uma condição de vida a qual, pela falta de um controle severo externo, poderia conduzi-lo aos vícios comuns à liberdade. De qualquer forma, o mais interessante no texto para este estudo é o pressuposto de que Policarpo possua algum controle sobre o fundo comum que lhe permita negar a algum cristão de sua comunidade a utilização do mesmo para fins duvidosos.

No entanto, outros trechos das cartas indicam que, embora o supervisor pudesse ter a prerrogativa de reger os gastos ordinários da igreja a partir do fundo comum (como no caso do auxílio às viúvas), por outro lado existia limites para sua autonomia neste campo. Existiam gastos de caráter extraordinário que exigiam a aprovação de toda a comunidade. O exemplo que temos dessa limitação vem da carta de Inácio aos efésios. Logo ao início da carta, o antioqueno está nomeando os membros da igreja de Éfeso que foram ter com ele na prisão em Esmirna. Um deles é um servidor chamado Burro, o qual Inácio pede que permaneça com ele; essa permanência, contudo, certamente traria custos consigo. O interessante, porém, é que ele faz esse pedido por carta estando o supervisor efésio, Onésimo, presente em Esmirna. Ao mesmo tempo, Inácio é cauteloso ao fazer esse pedido: outro membro eminente da igreja efésia, Croco, já lhe havia “aliviado em tudo” (κατὰ πάντα με ἀνέπαυσεν; In.Efésios 2,1), indicando provavelmente o suprimento que em uma situação de aprisionamento seria naturalmente insuficiente. Ao pedir que, além de tudo isso, os efésios sustentem também a viagem de Burro a serviço do prisioneiro, esse último escreve: “Que eu possa sempre me beneficiar de vós, se eu for digno” (In.Efésios 2,2)<sup>30</sup>. William Schoedel nota que essas palavras são uma variante de uma expressão popular utilizada na comunicação antiga em momentos de incerteza, delicadeza ou pior (SCHOEDEL, 1985, p. 45). Inácio está requisitando aos fiéis efésios,

---

<sup>30</sup> ὄναίμην ὑμῶν διὰ παντός, ἕάνπερ ἄξιός ᾤ.

e não a Onésimo, que se disponham a arcar com um gasto a mais, se considerarem o antioqueno digno de tal graça. Tudo isso sugere que, pelo menos na comunidade de Éfeso, o supervisor não possui poder ilimitado sobre o fundo comum; ao menos os gastos extraordinários e imprevistos precisam da aprovação dos cristãos efésios em conjunto.

Não é possível se afirmar com certeza se o que foi visto a respeito de Esmirna vale para Éfeso e as outras igrejas da Ásia e vice-versa. Se pudermos, contudo, considerar que existe um padrão discernível nas cartas inacianas de direção financeira nas comunidades da Ásia, o modelo se apresentaria mais ou menos da seguinte forma: o supervisor seria o responsável primeiro pela administração de um fundo comum que pertence à comunidade como um todo e cabe a ele reger os gastos ordinários, como as obras de caridade e o sustento de membros em contextos sociais frágeis ou mesmo em situações de indigência; contudo, na eventualidade de se haver uma necessidade ou requerimento de gastos extraordinários, a comunidade como um todo deve ser ouvida, de modo que não poderia o supervisor tomar uma decisão independente da opinião dos outros fiéis.

## Conclusão

Como conclusão, podemos apontar que a caracterização paternalista do supervisor cristão é parte essencial do discurso inaciano. De fato, Inácio demonstra partir de um princípio da “igreja-*household*” ao colocar, em suas cartas, o supervisor como uma representação do próprio Deus Pai, o ícone patriarcal supremo do imaginário cristão mais antigo, fundamental para a própria identidade dos fiéis como seres especiais frente à sociedade; é isso que sugere o próprio rito batismal paulino, se dele fizer mesmo parte a exclamação aramaica “*Abba!*”, conforme as palavras do próprio Paulo (cf. Gálatas 4,6). No entanto, ele também vai além: o supervisor não é um mero administrador, conforme Inácio reforça a Policarpo, mas deve possuir uma relação de proximidade paternalista com os membros da comunidade. Aqui, o modelo defendido por Inácio aponta para um sentido que pode, por uma leitura de seus referenciais, ser considerado “monárquico”. Podemos chegar a tal conclusão pelo fato de o autor ter a figura do patriarca da *household* como referencial para o seu supervisor.

Não devemos concluir, contudo, que nossa fonte seja representante de um estado de coisas em que um bispo monárquico é regra; ao invés, devemos recordar que boa parte das vezes em que Inácio apresenta uma imagem da unidade comunal ideal, ele espera

uma comunhão por parte dos fieis com o supervisor em conjunto com os anciãos e servidores do grupo. Do mesmo modo, o caso de Éfeso, em que Inácio se sente compelido a requisitar a permanência custosa de um membro da comunidade local à revelia de seu supervisor (que se encontrava presente com ele), é sinal inequívoco de que em uma das principais igrejas da Ásia Proconsular (se não a igreja principal) o que ocorria estava longe de ser o que ele idealizava, obrigando-o a lidar com a realidade posta. No entanto, o nível de precedência básico que se pode inferir que os supervisores tivessem em suas comunidades (maior ou menor a depender da igreja que se tem em mente) é suficiente para que Inácio lance mão dela para desenvolver um discurso de correlação analógica entre o ministério de supervisão na comunidade e a própria divindade patriarcal adorada pelos cristãos locais. Habilidoso em sua retórica, o antioqueno não opta por impor uma ordem completamente nova, mesmo que considerasse ter autoridade profética suficiente para tanto; ao invés, ele dialoga com o estado de coisas que encontra em cada localidade, ao mesmo tempo que instando seus destinatários a dar um passo além.

---

#### **SUPERVISOR AND FATHER: THE OFFICE OF THE ΕΠΙΣΚΟΠΟΣ IN THE LETTERS OF IGNATIUS OF ANTIOCH TO THE CHRISTIAN COMMUNITIES IN PROCONSULAR ASIA, C. 110 CE**

**Abstract:** Ignatius of Antioch is widely recognized as a fundamental source for the understanding of early second century Christianity. His theology and defense of a strict hierarchy in the churches addressed by him made him a very useful author for ecclesiastical writers both from his own and posterior times. In this article, however, we seek to approach Ignatius' letters as historical documents to trace a framework of very important social relations in the communities to which he writes, the office of supervision above all.

**Keywords:** Ignatius of Antioch. Proconsular Asia. Early Christianity.

---

---

#### **SUPERVISEUR ET PERE: L'OFFICE DU ΕΠΙΣΚΟΠΟΣ DANS LES EPITRES D'IGNACE D'ANTIOCHE AUX COMMUNAUTES CHRETIENNES DE L'ASIE PROCONSULAIRE, C. 110 AP. J.-C.**

**Resumé:** Ignace d'Antioche est largement reconnu comme une source fondamentale pour la compréhension du christianisme de les années initiales du deuxième siècle. Sa théologie et sa défense d'une hiérarchie stricte dans les églises auxquelles il écrit ont fait de lui un auteur largement utilisé par les écrivains ecclésiastiques contemporains à lui et des temps postérieurs. Dans ce article, néanmoins, nous essayons d'adresser les lettres d'Ignace comme des sources historiques pour dessiner un cadre des relations sociales importantes dans les communautés auxquelles il écrit, l'office de surveillance ayant là une position détachée.

**Mots-Clés:** Ignace d'Antioche. Asie Proconsulaire. Christianisme primitif.

---

## Referências

### Documentação primária impressa

**Bíblia de Jerusalém**, 4ª impressão. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

**Biblia sacra utriusque Testamenti editio Hebraica et Graeca**. Stuttgart : Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

EHRMAN, Bart D.. **The Apostolic Fathers Volume I**. Cambridge (Massachussets): Loeb Classical Library, 2003.

### Bibliografia

ALTANER, Berthold e STUIBER, Alfred. **Patrologia**, 4ª Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

BAUR, Ferdinand Christian. **The Church History of the First Three Centuries**. Londres: Williams and Norgate, 1879.

BRENT, Allen. **Ignatius of Antioch: A Martyr Bishop and the Origin of Episcopacy**. Londres: T & T Clark, 2009.

BURTCHAELL, James Tunstead. **From synagogue to church: Public services and offices in the earliest Christian communities**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CAMPENHAUSEN, Hans Von. **Ecclesiastical authority and spiritual power in the Church of the first three centuries**. Londres: Black, 1969.

CHADWICK, Henry. **The Early Church**. Londres: Penguin Books, 1967.

DAVIES, Stevan L. The Predicament of Ignatius of Antioch. **Vigiliae Christianae**, v. 30, n. 3, 1976.

DUNN, James D. G. **The Theology of Paul the Apostle**. Londres/Nova York: T & T Clark, 1998.

HARNACK, Adolf Von. **Mission et expansion du christianisme aux trois premiers siècles**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2004.

HARRISON, P. N. **Polycarp's Two Epistles to the Philippians**. Cambridge: Cambridge University Press, 1936.

ISACSON, Mikael. **To Each Their Own Letter: Structure, Themes and Rhetorical Strategies in the Letters of Ignatius of Antioch**. Estocolmo: Almqvist & Wiksell International, 2004.

JEFFORD, Clayton N.. **Reading the Apostolic Fathers: A Student's Introduction**, 2ª Ed.. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

JOHNSON, Luke Timothy. **The first and second letters to Timothy**: A new translation with introduction and commentary. Londres: Yale University Press, 2008.

JOLY, Robert. **Le dossier d'Ignace d'Antioche**. Bruxelas: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1979.

KNIGHT III, George W. **The Pastoral Epistles**. Grand Rapids, Michigan/Carlisle: William B. Eerdmans Publishing Company e The Paternoster Press, 1992.

KOESTER, Helmut. Ephesos in Early Christian Literature. In: KOESTER, Helmut (org.). **Ephesos Metropolis of Asia: An Interdisciplinary Approach to its Archaeology, Religion and Culture**. Harvard: Harvard University Press, 1995, pp. 119-140.

MARTIN, Dale B. **New Testament History & Literature**. Yale: Yale University Press, 2012.

MEEKS, Wayne A.. **Os primeiros cristãos urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo**. São Paulo: Academia Cristã e Editora Paulus, 2011.

MEIER, John P. Antioch. In: BROWN, Raymond E. e MEIER, John P. **Antioch & Rome: New Testament Cradles of Catholic Christianity**. Nova York/Mahwah, Nova Jersey: Paulist Press, 2004, pp. 11-86.

PERKINS, PHEME. Evangelho Segundo João. In: BROWN, Raymond E., FITZMYER, Joseph A. & MURPHY, Roland E. (Org.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. Santo André/São Paulo: Academia Cristã & Paulus, 2011, pp. 731-816.

ROBINSON, Thomas A. **Ignatius of Antioch and the Parting of the Ways: Early Jewish-Christian Relations**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2009.

SCHOEDEL, William R.. **Ignatius of Antioch: A Commentary on the Letters of Ignatius of Antioch**. Minneapolis: Fortress Press, 1985.

SELVATICI, Mônica. Construção de fronteiras entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: os judaizantes e a retórica antijudaica no movimento cristão dos séculos I e II d. C. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 1, 2013.

STEWART, Alistair C. **The Original Bishops: Office and Order in the First Christian Communities**. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2014.

TREBILCO, Paul. **The Early Christians in Ephesus from Paul to Ignatius**. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, RU: William B. Eerdmans Publishing Company, 2004.

TREVETT, Christine. **A Study of Ignatius of Antioch in Syria and Asia**. Lampeter, País de Gales: The Edwin Mellen Press, 1992.

WILD, Robert A. As Cartas Pastorais. In: BROWN, Raymond E., FITZMYER, Joseph A. e MURPHY, Roland E. (org.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011, pp. 633-654.

#### SOBRE O AUTOR

**Pedro Luís de Toledo Piza** é doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos do Império Romano e do Mediterrâneo Antigo (USP).

---

Recebido em 22/06/2022

Aceito em 02/12/2022